



CONFRONTO MST E UDR NA CAPA DA VEJA

¹Airton Donizete de OLIVEIRA*

Introdução

O presente artigo analisa uma capa da revista *Veja* publicada em 19 de junho de 1985 com os dizeres: “Reforma agrária: Os fazendeiros se armam – ‘invasor que pisar aqui leva chumbo. Vem que tem’, Trajano Bicalho, guardião da fazenda Camarões no Norte de Goiás”. As capas de revistas semanais, a exemplo de *Veja*, estampam imagens e pequenos textos sobre os mais diversos assuntos. Ao retratar os Sem-Terra em sua capa, *Veja* expõe sua posição sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). O objetivo geral deste trabalho - investigar os efeitos de sentido na capa em questão – é seguido de objetivos específicos: Analisar elementos que ajudam a formar a imagem exposta nesta capa da *Veja* sobre o MST; realizar análise de tal capa com base na história da *Veja* e do MST e alertar leitores da revista sobre os efeitos de sentido presentes nesta capa.

Nas bancas de rua ou na internet, revistas exibem suas capas, que funcionam como vitrine. Por meio delas, o leitor pode decidir avançar ou não na leitura interna. Por isso, esta análise se aterá apenas a esta capa de *Veja* sobre o MST, não avançando ao conteúdo interno da revista. Com tamanha exposição, a postura de *Veja* sobre o movimento pode confundir o leitor que não o conhece. Daí a importância desta análise, que também pode auxiliar professores em sala de aula. Muitos se utilizam da revista em suas aulas no ensino fundamental e médio.

Alvo da censura militar, *Veja*, editada pela Editora Abril, chegou ao mercado editorial em 1968 para substituir a revista *Realidade*, que saiu de circulação em 1976. Desde então, mantém uma linha editorial voltada ao pensamento neoliberal, com destaque

¹*Jornalista e mestrando em Comunicação Visual na Universidade Estadual de Londrina (UEL).



para assuntos do cotidiano. É uma publicação que apóia a livre iniciativa e o sistema neoliberal de governo. Em seu primeiro número que foi às bancas, em setembro de 1968, Veja estampou uma capa sobre o comunismo na então União Soviética, com a chamada: “O grande duelo no mundo comunista”. Um fundo vermelho ressalta a sombra da foice e do martelo em preto. Assim, a revista recém-lançada começava a demarcar sua posição no mercado editorial.

Os ataques de Veja ao MST são permanentes e revelam o claro propósito da revista em destruir a identidade do movimento. Uma das principais organizações surgidas no Brasil pós-ditadura militar, os Sem-Terra talvez sejam a única entidade civil que consegue pressionar o Governo Federal e mostrar à sociedade que o Brasil precisa realizar a reforma agrária. Esta é uma reivindicação antiga. A concentração de terra no Brasil vem desde os tempos da Colônia e está ligada à falta de cidadania, que também perdura desde àquela época. (CARVALHO, 2001) lembra que um traço marcou durante séculos a economia e a sociedade brasileiras: o latifúndio monocultor e exportador de base escravista. “Formaram-se ao longo da costa núcleos populacionais baseados nesse tipo de atividade que constituíram os principais pólos de desenvolvimento da colônia e lhe deram viabilidade econômica até o final do século XVII” – (CARVALHO, 2001, p. 18).

Se outrora era assim, não interessa ao Estado e à classe dominante que haja mudanças. Uma de suas armas é a chamada grande mídia, um dos aparelhos ideológicos de Estado. Conforme descreve (ALTHUSSER, 1974, p. 42):

“Para se avançar na teoria do Estado, é indispensável ter em conta, não só a distinção entre poder de Estado e aparelho de Estado, mas também outra realidade que se situa manifestadamente do lado do aparelho (repressivo) de Estado, mas não se confunde com ele. Designaremos esta realidade pelo seu conceito: os aparelhos ideológicos de Estado”.

Para analisar a presente capa de Veja sobre o MST, o autor recorreu à metodologia de Análise do Discurso (doravante apenas AD) e às ciências da linguagem.



1. A revista Veja

A imprensa se alastrou pelo Brasil, mas não mudou seu perfil editorial. Ou seja, não deixou de ser comandada pela classe dominante. Passou pela ditadura do Estado Novo (1937 a 1945), período em que jornais e revistas foram fechados por determinação do Governo Federal. A ditadura civil/militar (1964/1985) deu outro golpe na imprensa. Jornais, revistas, rádios e canais de televisão passaram a conviver com a censura. O golpe fatal veio em 1968 com o decreto que impôs o ato institucional cinco, o AI 5. A censura endureceu. Neste cenário nasceu a revista Veja, criada em 1968, pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta. Publicada pela Editora Abril, substituiu a revista Realidade, que saiu de circulação em 1976.

No começo, Veja teve dificuldades. Lutou contra a censura do Governo Militar, até acertar sua fórmula. As vendas começaram a se expandir quando a revista passou a ser vendida por assinatura, em 1971. Hoje, as assinaturas correspondem a 80% da venda dos seus 1,2 milhões de exemplares semanais. Segundo (SCALCO, 2009), para formar a primeira equipe de Veja, a Editora Abril selecionou em todo o país, e treinou durante três meses, 100 jovens com formação superior, dos quais 50 foram aproveitados na Redação. Era o primeiro curso de jornalismo da empresa, e também o primeiro a falar sobre jornalismo em revista. Tal prática é mantida até hoje. Os jornalistas que atuam nas revistas do grupo são selecionados por meio de treinamento promovido pela Editora Abril. Veja é hoje a quarta revista de informação mais vendida no mundo, atrás das norte-americanas Time e Newsweek e da inglesa The Economist.

Veja trata de temas do cotidiano da sociedade brasileira e do mundo, como política, economia, cultura e comportamento; tecnologia, ecologia e religião por vezes também são abordadas. Possui seções fixas de cinema, literatura, música, entre outras variedades. A maioria dos seus textos é elaborada por jornalistas, porém nem todas as seções são assinadas. No Brasil, de acordo com (SCALCO, 2009), a primeira concorrente de Veja foi Visão, que já existia quando a revista da Editora Abril foi lançada. Depois vieram Isto é, Senhor, Afinal, Época, Carta Capital, Caros Amigos, Piauí, entre outras. O



leitor de Veja se assemelha ao da revista Visão que, lançada em 1952, tinha linha editorial voltada para um público formado por empresários, executivos e homens da classe média.

Visão aproveitou a consolidação de uma sociedade urbana e industrial no país, na década de 1950, e criou um modelo de jornalismo que privilegiava a análise, a clareza das informações e a capacidade de síntese. Daquela década em diante, a chamada grande imprensa tem tido um papel político central na história do Brasil. A partir dali, segundo (SILVA, www.unioeste.br), os veículos de imprensa passaram a se vender como “informativos” e não mais como “opinativos,” que seriam apenas os jornais vinculados aos partidos políticos. “Nesse período também se dissemina a ideia de que a imprensa seria o “quarto poder”, acima dos demais vigiando. Mais um motivo para sua atuação política ficar ainda mais protegida” - (SILVA, www.unioeste.br).

2. MST: herdeiro de lutas históricas

Um rápido olhar pela historiografia brasileira revela os levantes e revoltas de movimentos sociais que apregoavam mudanças na condução política do país. Canudos (revolta no sertão baiano entre 1896 e 1897, estimam-se a morte de 25 mil pessoas), Guerra do Contestado (conflito que se deu na divisa entre Paraná e Santa Catarina, em 1913, que teria provocado a morte de 20 mil pessoas), Revolta de Palmares (ataque das forças governistas contra o Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, hoje interior de Alagoas, que culminou com a morte de Zumbi dos Palmares) entre outros, demonstram descontentamento com a concentração de poder nas mãos de um Estado que sempre deixou o povo em segundo plano. A luta desses movimentos não cessou. Ela continua viva e, hoje, tem no MST seu legítimo representante.

“De fato, só existimos hoje porque, antes de nós, o povo organizou outras formas de organização e de luta por justiça. Somos herdeiros das lutas históricas dos povos indígenas, dos negros, dos brancos, dos movimentos camponeses e de resistência. Somos fruto de muitas reflexões. Somos fruto da teorização de muitas experiências de lutas que nos antecederam, seja no Brasil ou nos movimentos camponeses da América Latina” - (AYOUB APUD MARINA DOS SANTOS, 2006, p. 18).



Quando se fala em reforma agrária, é bom lembrar que se trata de uma reivindicação antiga. A concentração de terra no Brasil vem do período colonial e está ligada à falta de cidadania, que também perdura desde àquela época.

“Ao proclamar sua independência de Portugal em 1822, o Brasil herdou uma tradição cívica pouco animadora. Em três séculos de colonização (1500-1822), os portugueses tinham construído um enorme país dotado de unidade territorial, lingüística, cultural e religiosa. Mas tinham também deixado uma população analfabeta, uma sociedade escravocrata, uma economia monocultura e latifundiária, um Estado absolutista. À época da independência, não havia cidadãos brasileiros, nem pátria brasileira” – (CARVALHO, 2001, p. 17 e 18).

Em 1500, os portugueses chegaram ao Brasil e depararam com aquele imenso território. Não titubearam em usar a força para dominar os donos das terras, que aqui viviam. Eram cerca de 5 milhões de índios, que foram submetidos ao modo de produção, às leis e à cultura portuguesa. Toda a terra brasileira passou a ser propriedade da Coroa Portuguesa. Os que aqui chegaram receberam concessão de uso. Um direito hereditário, ou seja, os herdeiros dos grandes fazendeiros podiam continuar com a posse das terras e sua exploração.

“Em 1850, a Coroa, sofrendo pressões inglesas para substituir a mão-de-obra escrava pelo trabalho assalariado, com a consequente e inevitável abolição da escravidão, e para impedir que, com a futura abolição, os então trabalhadores escravos se apossassem das terras, promulga, naquele ano, a primeira lei (Lei 601) de terras do país” – (STÉDILE, 2005, p. 24).

Tal ato jurídico consolidou a propriedade privada no Brasil e, a partir daí, formaram-se os grandes latifúndios que persistem até hoje no país. Com o fim da escravidão, em 1888, e chegada dos migrantes europeus, surgiu o campesinato brasileiro. Até então, havia apenas trabalhadores escravizados, vindos da África ou retirados das comunidades nativas, indígenas. Em 1930, uma revolução burguesa leva ao poder Getúlio Dornelles Vargas, que fica no comando do país até 1945. A oligarquia rural se enfraquece e faz uma aliança com a burguesia urbana. Uma das causas do êxodo rural. Os camponeses deixam a roça e se iludem com novos empregos e salários na indústria. A crise pela falta da terra se agrava. O Brasil vê nascer, entre 1950 e 1964, as ligas camponesas (movimento ocorrido no sertão pernambucano liderado por Francisco Julião Arruda de Paula, cujo



objetivo era fazer a reforma agrária) e outros movimentos que exigiam a realização de reforma agrária no Brasil.

Esses movimentos foram esmagados pela ditadura militar, que se instalou no país em 1964. O latifúndio derrotou a reforma agrária. Pessoas que lutavam pela reforma agrária foram mortas, presas ou exiladas pelos militares. Mas o governo militar até que ensaiou algum ato de realizar a reforma agrária, mas as iniciativas não foram avante. A grande concentração de terra prevaleceu. Entre 1979 e 1980, no auge da luta pela redemocratização, surge uma nova forma de pressão dos camponeses: as ocupações organizadas por centenas de famílias. No início de 1984, os participantes dessas ocupações realizam o primeiro encontro, dando nome e articulação própria ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A primeira reunião oficial, que sacramenta a criação do MST ocorreu em 1984 no Primeiro Encontro Nacional dos Sem-Terra, em Cascavel, no Paraná. Mas quando se fala da fundação do MST não se pode dizer que o movimento nasceu em 1984. Ele é fruto de uma história de luta. Não é uma luta contra este ou aquele governo. É uma luta contra o sistema que impera no Brasil desde que os portugueses aqui chegaram. Até hoje não se fez uma verdadeira reforma agrária no Brasil.

3. Capas funcionam como isca

A capa de revista funciona como síntese da edição. Nela é destacado o assunto principal com chamadas para assuntos de menor importância, conforme definido por cada editor. Mas a capa tem um objetivo especial: fisgar o leitor. A partir dela, ele pode ou não folhear a revista. Pela exibição quer seja nas bancas ou mesmo na internet, a capa é quase uma revista dentro da revista. Muitas vezes, o leitor se atém a ela, sem avançar no assunto interior. Para (SCALZO, 2009), uma boa revista precisa de uma capa que ajude a conquistar leitores e os convença a levá-la para casa. “Capa, como diz o jornalista Thomaz Souto Corrêa, é feita para vender revista. A capa precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor” - (SCALZO, 2009, p. 62). Portanto, uma boa capa é feita de notícias quentes e exclusivas. “Como se costuma



dizer nas redações, com certo tom de humor: Papa morto vende, Papa vivo, não”- (SCALZO, 2009, p.63).

Quando Veja, acrescenta (SCALZO, 2009), publicou a histórica entrevista exclusiva com Pedro Collor de Mello denunciando o irmão – o então presidente Fernando Collor -, não foi preciso mais nada além de estampar a foto do personagem ao lado da chamada: “Pedro Collor conta tudo”. É o caso típico de uma capa que já nasceu pronta.

(SCALZO, 2009, p. 63) acrescenta:

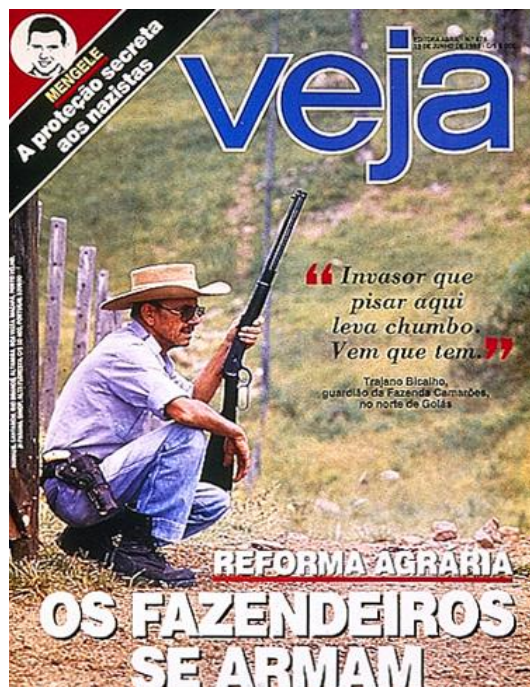
“Em qualquer situação, uma boa imagem será sempre importante – e é ela o primeiro elemento que prenderá a atenção do leitor. O logotipo da revista também é fundamental, principalmente quando ela é conhecida, e já detém uma imagem de credibilidade junto ao público. Afinal, quando você vê na banca duas revistas com a mesma notícia na capa, você compra aquela na qual confia mais”.

São estratégias assim que fazem da capa um espaço especial da revista. Nela está o sucesso ou fracasso de uma edição. Em seu conselho final aos editores, (SCALZO, 2009, p. 64) recomenda: “Olhe para a capa não como um belo quadro, uma obra de arte, mas como um elemento editorial, que tem a função estratégica de definir a compra de seu produto pelos leitores em potencial”. Assim Veja edita suas capas, levando em conta o olhar do leitor. Uma verdadeira vitrine, onde está exposto seu principal produto. A capa aqui analisada não é diferente. É o que este trabalho pretende mostrar. Por isso, será analisada apenas a capa em questão, sem se ater ao conteúdo interno.



4. Análise da capa em questão

CAPA : Os Fazendeiros Se Armam



LEGENDA: Capa publicada em 19 de junho de 1985

Em 19 de junho de 1985, Veja publicou a primeira capa sobre o MST, com os dizeres: “Reforma agrária: Os fazendeiros se armam – ‘invasor que pisar aqui leva chumbo. Vem que tem’, Trajano Bicalho, guardião da fazenda Camarões no Norte de Goiás”. A fotografia de Trajano na capa da Veja lembra a colonização de várias regiões do planeta. Um desses lugares foram o Norte e Noroeste do Paraná nas décadas de 1930, 1940 e 1950 (TOMAZI, 1999). Jagunços contratados pela companhia colonizadora vigiavam as terras de possíveis grilagens. Armados, eles obedeciam à ordem do patrão e, se preciso fosse, matavam para defender as propriedades ou promover a desocupação de novas terras.

Nesta capa, Veja resgatou a imagem do jagunço, símbolo do Brasil rural de épocas passadas ou mesmo de hoje nos rincões do Norte e Nordeste do País. Utilizou-se do



eufemismo “guardião” para não dizer jagunço, já que todas as características da foto levam a isso. Sem dizer que se trata de uma foto posada. O revólver na cinta, a carabina na mão e a cerca (símbolo de poder) atrás revelam um cenário produzido. Nesta capa, se vê uma relação de poder entre os fazendeiros, que se defendem com jagunços armados - e os Sem-Terra, que promovem ocupações de terra e forçam a realização da reforma agrária. Em 1984, um ano antes de a Veja publicar a presente capa, nascia o MST, que começava a ocupar terras e a desafiar o poder constituído.

O enunciado “Os fazendeiros se armam” traz em sua estrutura um vazio semântico: se armam contra quem? Embora não esteja dito explicitamente, qualquer leitor recuperaria a ideia de que eles se armam contra os Sem-Terra. No trecho, “invasor que pisar aqui leva chumbo”, temos uma referência aos Sem-Terra designada a partir de uma formação discursiva capitalista como invasor. Tal designação só é possível como marca de uma filiação à ideologia da propriedade privada. Na mesma época nascia a União Democrática Ruralista (UDR), cujo objetivo era combater os Sem-Terra. Trajano Bicalho, guardião da Fazenda Camarões, está a serviço dos ruralistas. Com uma chamada curta, a fotografia realça o poder visual da capa em questão. Um senhor de chapéu com uma carabina na mão esquerda e um revólver do lado direito da cintura. O cenário ganha destaque com a cerca, simbolizando divisão e poder.

“É bom lembrar: na AD, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relação de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. Desse modo é que acreditamos que um sujeito na posição de professor de esquerda fale ‘X’ enquanto um de direita fale ‘Y’” (ORLANDI, 1999, p. 42).

Um pistoleiro de arma na mão reforça a imagem projetada pela classe dominante. A mídia tem revelado que no norte do Brasil, especialmente no sul do Pará, pistoleiros executam pessoas para que determinados grupos ou fazendeiros se apossam de terras para extração de madeira. Em 1985, um sujeito de arma em punho surge na capa da Veja dizendo se pronto para atirar em quem adentrar naquela fazenda. A classe dominante reagia ao surgimento do MST. O trecho “Invasor que pisar aqui leva chumbo. Vem que tem” cria



conflito e polemiza a questão. Para os latifundiários é importante que isso aconteça, pois assim eles mostram seu poder e força. Mesmo disfarçadamente, os grandes proprietários de terra se mostram na capa. “Não adianta os protagonistas jurarem que dispensariam completamente o conflito, que eles só entram na disputa obrigados; de fato, eles estão desde sempre envolvidos nela” - (MAINGUENEAU, 2008, p. 113).

A reforma agrária, uma luta antiga, entrava na pauta política. Era o fim do regime militar (1964/1985) e o início do período democrático. Os movimentos populares reiniciavam suas lutas. Esta capa da *Veja* não faz referência ao momento em que o Brasil vivia (meados da década de 80). Ao mostrar a força da classe dominante, fragmentou a questão da reforma agrária. Revelou apenas que os grandes fazendeiros estavam preparados para defender suas terras. Deixou de dizer que a terra no Brasil está nas mãos de poucos e que a reforma agrária é uma reivindicação antiga. A fragmentação, segundo (ABRAMO, 2003), pode ser feita por meio das seguintes estratégias: a seleção de aspectos, ou particularidades, do fato e da descontextualização.

“A seleção de aspectos do fato que é objeto da atenção jornalística obedece a princípios semelhantes aos que ocorrem no padrão de ocultação. Embora tenha sido escolhido como um fato jornalístico e, portanto, digno de merecer estar na produção jornalística, o fato é decomposto, atomizado, dividido em particularidades ou aspectos, e a imprensa seleciona os que ela apresentará ou não ao público. Novamente, os critérios para essa seleção não residem necessariamente na natureza ou nas características do fato decomposto, mas sim nas decisões, na linha, no projeto do órgão de imprensa, que são transmitidos, impostos ou adotados pelos jornalistas desse órgão” - (ABRAMO, 2003, p. 28).

Sob o ponto de vista da AD a fragmentação não implicaria no silenciar do outro. O dito da capa só faz sentido pelo não-dito, ou seja, só existe o fazendeiro e seu capanga armado porque existe ameaça do “invasor”, os Sem-Terra. Nessa representação de *Veja* da luta de classes, entretanto, o que fica evidenciado é o registro de quem tem a maior força: o fazendeiro e seu poderio de defesa da propriedade. Este é o efeito de sentido que a capa mostra. Poderia ter mostrado o outro lado, mas por coerções de sua posição-sujeito midiática naquele contexto sócio-histórico, não o fez. Portanto, sob o viés da AD, implica em se perguntar por que o outro (os Sem-Terra) sofreu esse processo de fragmentação, de tradução semântica de ocupante para invasor?



Outro ponto a se destacar na presente capa é a memória. Segundo (ORLANDI 1999), a memória está relacionada ao interdiscurso, ou seja, o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-constituído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” – (ORLANDI, 1999, p. 31). A AD trabalha com a exterioridade que age sobre o sujeito, transformando-o em receptor sócio-histórico: “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” – (ORLANDI, 1999, p. 31). Assim se apresenta esta capa. Sentidos do passado, já ditos por alguém, ali estão para cumprir uma função: dizer que o MST nascia e começava a invadir propriedade, portanto, os fazendeiros estavam se armando para combatê-lo. “O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito, em seu discurso está o ‘outro’, compreendido como exterioridade social” – (FERNANDES, 2005, P. 40).

A questão visual é complexa. Veja aproveita-se dessa complexidade para tentar persuadir o leitor. Como diz (DOMENECH, 2011), o visual, não só a imagem propriamente dita, é sempre um fenômeno complexo que circula por entre diferentes plataformas e níveis de significado, todos eles inscritos na visualidade.

“Dentro da imagem, em sua própria estrutura, instalam-se os resultados de uma imaginação que também se divide nos âmbitos social e individual, pois pertence ao autor entendido ao mesmo tempo como indivíduo e como fator da sociedade que o acolhe e o produz. Essa imaginação embaralha valores e ideias em uma reconfiguração constante que vai do figurativo ao discursivo sem nunca se deter definitivamente em um dos pólos, exceto quando finalmente se materializa em uma imagem” – (DOMENECH, 2011, p. 19,20)

Ao editar a presente capa, Veja dá a entender que pretende direcionar o leitor. Quer que ele enxergue apenas uma versão, a dos grandes proprietários de terra. Daí o recorte, mostrando apenas um lado da questão. “De onde se conclui que o visível é aquilo que se pode ver, o que a sociedade deixa ver e institui que há de ser visto” - (DOMENECH, 2011, p. 22).



Considerações finais

Segundo (ROSSI, 1985), o mais correto é dizer que existe atualmente liberdade de empresa, mas não exatamente liberdade de imprensa.

“Em outras palavras: há razoável grau de liberdade para um determinado jornal veicular aquilo que lhe parece mais conveniente – respeitadas, é óbvio, as leis vigentes. Mas há sérias restrições ao direito social à informação, ou seja, ao direito que toda sociedade tem de informar e, ao mesmo tempo, veicular informações que lhe interessam” – (ROSSI, 1985, p. 60).

Tal afirmação possibilita compreender a posição de Veja sobre o MST. Uma revista que defende o capital. Sendo os Sem-Terra uma espécie de pedra no sapato. Um movimento que mantém uma história de luta pela mudança social. Veja, então, tenta desqualificá-lo. Não basta dizer que o MST é do mal. É preciso mostrar, conforme o manipula nesta capa. Utilizando-se de uma foto montada e métodos tendenciosos de edição, Veja macula os Sem-Terra e os apresenta à sociedade como um bando de desocupados que ameaça invadir propriedades e instalar o caos no país. De acordo com a análise apresentada pelo presente trabalho, a capa de Veja sobre os Sem-Terra tenta ofuscar a ideia de que o Brasil precisa de uma reforma agrária.

Reivindicação antiga, a reforma agrária não foi prioridade de nenhum governo brasileiro. A luta pela terra no país vem do Brasil Colônia, passou pela Independência, pela República e chega quase intocável aos dias atuais. Realizá-la fere interesse de latifundiários em cujas mãos estão concentradas as terras brasileiras. O governo do presidente João Goulart (1961/1964) pôs a reforma agrária na pauta política, mas acabou deposto por um golpe militar.

A capa de Veja em questão é o flagrante da imparcialidade da grande mídia brasileira. Não quer dizer que haja algum meio de comunicação imparcial. Os estudos sobre a imagem nos mostram que neutralidade total não existe. Mas o que não se admite é utilizar um meio de comunicação para atacar determinado grupo constituído, como os Sem-Terra.



Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Porto (Portugal): Editora Presença, Ltda, 1974.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil. O Longo Caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DOMENECH, Josep C. **A forma do real: introdução aos estudos visuais**. São Paulo: Summus, 2011.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de discurso – princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, Marina dos. Brasil. Raízes do MST. Disponível em <http://alainet.org> – in Ayoub, Ayoub Hanna. **Mídia e movimentos sociais: a satanização do MST na Folha de São Paulo**. Londrina, 2006.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Carla Luciana. **A grande imprensa e a crise política: o caso de Veja**. Disponível em www.unioeste.br. Acesso em 25/06/2013.

STÉDILE, João Pedro (org); Douglas Estevam (assistente de pesquisa). **A questão agrária no Brasil: O debate tradicional**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

TOMAZI, Nelson Dacio. Construções e silêncios sobre a (re) ocupação da região norte do Estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Org.). **Maringá e o Norte do Paraná: estudo de história regional**. Maringá: Eduem, 1999. p. 51.



IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação
Múltiplos Olhares
05, 06 e 07 de junho de 2013
ISSN: 1981-8211

